

CONVIDADO



MIGUEL PEREIRA GOMES

Presidente da Associação
Aliança para a Transição
Energética

E se voltarmos a ficar às escuras?

Portugal atingiu em 2024 um marco histórico na transição energética: 71% da eletricidade consumida no país tiveram origem em fontes renováveis, o valor mais elevado de sempre registado na nossa rede nacional. Só nesse ano, a produção renovável atingiu 36,7 TWh, impulsionada pelo crescimento de instalações e por condições meteorológicas favoráveis, num contexto em que o consumo total de eletricidade foi de 51,4 TWh, o segundo valor mais alto de sempre em Portugal. A aposta em renováveis tem permitido ao país bater recordes sucessivos, como aconteceu em janeiro de 2025, quando a produção renovável chegou a 10.845 MW num único momento, com o sistema nacional a exportar cerca de 2.890 MW para Espanha. Estes números refletem não só o compromisso nacional com a sustentabilidade, mas também a crescente complexidade e a exigência do nosso sistema energético.

O recente apagão que afetou Portugal, Espanha e França não deve ser encarado como um desincentivo à transição energética. Pelo contrário, este episódio é um alerta claro para a necessidade de acelerar a implementação de práticas inteligentes e resilientes nas redes descentralizadas, sublinhando a urgência de modernizar infraestruturas e reforçar a resiliência do sistema energético nacional. A resposta nacional ao apagão de abril demonstrou uma capacidade de mobilização rápida, com a ativação de geradores em hospitais e a prioridade dada a serviços essenciais, mas também evidenciou as fragilidades de um sistema ainda demasiado dependente de grandes infraestruturas e interligações externas. Portugal precisa de investir na modernização da rede, na descentralização, no armazenamento de ener-

gia e em mecanismos de resposta rápida, como as redes inteligentes, microrredes e sistemas de “black start”, para garantir que situações semelhantes não se repetam e para o sistema ser menos vulnerável a falhas externas.

A descentralização da produção e distribuição de energia, sobretudo a partir de renováveis, é fundamental para reduzir a dependência de fontes fósseis e cadeias de abastecimento externas. Soluções como comunidades de energia, autoconsumo e microrredes, apoiadas por tecnologias digitais, permitem uma gestão mais inteligente, segura e eficiente da energia, promovendo maior resiliência através da monitorização, controlo preventivo e integração de renováveis e mobilidade elétrica. Exemplos como o Caxias Living Lab, onde edifícios e produtores partilham energia solar e baterias, mostram que é possível transformar a forma como produzimos e consumimos energia, tornando as comunidades menos dependentes e mais preparadas para responder a falhas ou variações de procura.

A digitalização e a inteligência artificial desempenham um papel central nesta transformação, permitindo monitorizar em tempo real o estado da rede, antecipar picos de consumo e identificar anomalias antes que se transformem em falhas. Plataformas de gestão de dados e algoritmos preditivos tornam o sistema

energético mais proativo e resiliente, enquanto soluções inovadoras para otimização de recursos humanos e controlo operacional garantem uma resposta mais rápida e eficaz a incidentes.

No entanto, capacitar as comunidades para uma gestão autónoma e eficiente da energia implica superar desafios de literacia energética, acesso a financiamento e formação técnica. A transição só será bem-sucedida se for inclusiva, com programas de formação, sensibilização e apoio técnico que envolvam todos — especialmente os mais vulneráveis — garantindo o acesso universal à energia limpa e sustentável.

Para facilitar a transição para um sistema mais local, inteligente e previsível, é essencial simplificar processos de licenciamento, criar incentivos à produção descentralizada e adaptar o quadro regulatório às novas realidades tecnológicas. O financiamento é outro desafio central, sendo necessário diversificar as fontes e apostar em modelos colaborativos, como o “crowdfunding” e as parcerias público-privadas, para acelerar a implementação de projetos locais e garantir a sua viabilidade a longo prazo.

Por fim, a colaboração entre entidades públicas, privadas e comunitárias é decisiva para acelerar a transição energética. Plataformas como a Associação Aliança para a Transição Energética têm um papel fundamental na articulação de parcerias, formação de consórcios e prestação de serviços de apoio à inovação, assegurando que Portugal continua a liderar pelo exemplo na construção de um sistema energético resiliente, sustentável e inclusivo. O apagão recente não é um sinal para recuar, mas um incentivo para avançar com mais determinação, garantindo que, mesmo perante adversidades, não voltaremos a ficar às escuras. ■

O apagão recente não é um sinal para recuar, mas um incentivo para avançar com mais determinação.